

# O CONHECIMENTO DE MUNDO ATRAVÉS DA LEITURA E ESCRITA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

## KNOWLEDGE OF THE WORLD THROUGH READING AND WRITING IN EARLY EARLY EDUCATION

Sandra Valéria Vichin Curiel\*

Sérgio Prado\*\*

### RESUMO

Este trabalho é baseado no desafio dos professores alfabetizadores, ensinar as crianças a ler, escrever e a se expressar de maneira competente na língua portuguesa, pretende-se discutir sobre melhores formas de alfabetizar alunos através dos contos de fadas. Acreditando que, no processo de alfabetização existem mudanças importantes a serem realizadas como a revisão de propostas pedagógicas, novas metodologias para ensinar, a formação continuada dos professores, busca de novos referenciais e produção de leitura pertinente, ideias sobre o processo de alfabetização aliado à exploração da literatura infantil, com a finalidade de encontrar soluções para sanar as dificuldades dos professores e auxiliar na prática pedagógica facilitando o processo de ensino – aprendizado dos alunos. Esse trabalho teve como objetivo mostrar que a literatura infantil desperta nas crianças o hábito da leitura, aprender a ouvir e a contar histórias de textos diversos, com meios atrativos, através de fantoches e ações, como a dramatização, despertando assim, o prazer dos alunos pela leitura.

**Palavras-chaves:** Alfabetização. Formação Continuada. Literatura Infantil.

### ABSTRACT

This work is based on the challenge of literacy teachers, teaching children to read, write and express themselves competently in the Portuguese language. It aims to discuss better ways of teaching students literacy through fairy tales. Believing that, in the literacy process, there are important changes to be made, such as the review of pedagogical proposals, new methodologies for teaching, the continued training of teachers, the search for new references and the production of relevant reading, ideas about the literacy process combined with exploration of children's literature, with the aim of finding solutions to solve teachers' difficulties and assist in pedagogical practice, facilitating the teaching - learning process for students. This work aimed to show that children's literature awakens in children the habit of reading, learning to listen and tell stories from different texts, with attractive means, through puppets and actions, such as dramatization, thus awakening students' pleasure. by reading.

**Keywords:** Literacy. Continuing Training. Children's literature.

---

\* Professor Coordenador Pedagógico, Prefeitura Municipal de Araras-SP.  
[sandra.curriel@educacaoararas.sp.gov.br](mailto:sandra.curriel@educacaoararas.sp.gov.br)

\*\* Professor de Educação Básica I, Prefeitura Municipal de Araras-SP.  
[sergioprado@professor.educacaoararas.sp.gov.br](mailto:sergioprado@professor.educacaoararas.sp.gov.br)

## **Introdução**

A leitura é fonte de prazer, criatividade e estímulos, faz com que o leitor adquira um conhecimento do que é realidade ou não, motivando a aprendizagem e novas experiências, sendo usada como recurso lúdico, criando na criança um comportamento prazeroso, quando a criança lê, ela aprende se divertindo, aprende regras, a sair das dificuldades, aprende através de imitações, interage e socializa.

O desafio das escolas se impõe na alfabetização e no letramento, para alfabetizar letrando se faz necessário decodificar o sistema linguístico, além de dar aos alunos oportunidades para experimentar os mais diversos tipos de gêneros, descobrindo e desenvolvendo o domínio da leitura e letramento das variedades.

É necessário ensinar a língua em todas as suas formas de usos e transformar o conhecimento interno dos educandos para que possam compreender o que se aprendeu ou se aprende, para isso, o educador precisa entender e ter consciência do processo de alfabetização para mediar a aprendizagem da língua escrita, tendo como princípio o trabalho com o letramento levando os alunos à conquista da cidadania.

A descoberta da leitura e da escrita deve ocorrer de maneira natural e prazerosa, tornando-se, dessa forma, a fase mais importante vivida pela criança. Na disciplina Língua Portuguesa, o grande desafio dos professores para alfabetizar é o de ensinar as crianças a ler e escrever num contexto prazeroso e lúdico. Um facilitador para esse desafio é fazer uso dos contos de fadas. Para isso, é importante que os educadores atuem na mudança das propostas pedagógicas, novas metodologias de ensino, formação continuada, produção de leituras pertinentes, busca de novos referenciais entre outras questões que possam ser pensadas para sanar as dificuldades, facilitando o processo de ensino-aprendizado dos alunos.

O trabalho realizado em sala de aula pode ser entendido como a maneira particular de ver a realidade a partir da teoria. Sendo assim, esse trabalho engloba desde as concepções teóricas que influenciam a abordagem até o conjunto de técnicas que possibilitam a apreensão da realidade e sua interpretação. Este estudo foi efetivado através do trabalho apresentado pelos alunos que permitiram a obtenção das informações necessárias para a concretização dos objetivos traçados no projeto de pesquisa. Considerando o contexto exposto, propõe, neste trabalho, estudar o modo que os professores enfrentam o grande desafio de alfabetizar os alunos através de contos de

fadas, facilitando o processo de ensino–aprendizagem e incrementado sua prática pedagógica.

A questão da alfabetização tem se evidenciado enquanto instrumento e veículo de uma política educacional que ultrapassa amplamente o âmbito meramente escolar. A ideologia da democratização do ensino anuncia o acesso à alfabetização pelas próprias condições da escolarização, oculta-se e esconde-se nessa ideologia a ilusão e o disfarce da produção do maior número de alfabetizados no menor tempo possível. Nesse processo da produção do ensino em massa, as práticas pedagógicas não apenas discriminam e excluem, como emudecem e calam.

Este trabalho apresenta como objeto informações acerca das causas referentes às dificuldades dos professores em alfabetizar os alunos, apresentando algumas sugestões acerca de como desenvolver uma proposta de alfabetização a partir da utilização dos contos de fadas.

Conceituar, pesquisar, realizar uma abordagem qualitativa, procurando demonstrar o aspecto de como transformar a literatura acessível à criança, as discussões sobre os escritores da literatura infantil, a importância em se contar histórias e a valorização dos textos para o público infantil, em como o conceito de letramento e fortalecimento da imaginação, oferecendo à criança condições de se desenvolver, considerando que elas são capazes de compreender os mais variados tipos textos.

Durante o trabalho também se considerou a alfabetização, as barreiras que a tecnologia traz, afastando muitas vezes os indivíduos da prática da leitura; inovações e as transformações que vêm ocorrendo na alfabetização com ênfase no letramento.

A proposta é reforçar a importância e compreensão dos contos de fadas e os valores empregados nessas histórias e sua representatividade na vida das crianças.

## **1 A literatura infantil e a criança**

O narrador, ou contador de histórias, tem ao seu lado conhecimentos diversos e passa a ser ídolo de quem está constantemente ouvindo, que se utiliza das condutas e atitudes sobre aquilo que lhe é dirigido em histórias, ou leitura num processo transformador do seu desenvolvimento cognitivo.

Uma primeira consideração relevante é que a arte de narrar histórias como sendo uma forma quase artesanal de comunicação, que se perde num passado remoto, a figura do narrador é apresentada como um homem cujo senso prático nato o habilita para essa

arte, tendo em sua essência uma dimensão utilitária, mesmo que nem sempre explícita (Benjamin, 1996).

Antes de contar histórias, o contador deve conhecer quem está ouvindo, às vezes tornando-se necessário recriar as histórias, trazendo-a para o seu tempo e ao tempo da criança, as experiências adquiridas, construindo e desenvolvendo a trama narrativa motivando a busca por novas descobertas, tornando esses ouvintes grandes leitores.

A importância da narração ou da contação de histórias, ou mesmo a leitura de um livro para o público infantil faz desse narrador um elo direto dos fatos mais longínquos se aproximarem com a realidade dos ouvintes, contribuindo para a construção do imaginário e instrumento facilitador dentro da aprendizagem formal. Essa é a importância do narrador, pois a maioria das histórias contadas oralmente, na antiguidade, quando passaram para forma escrita, livros, tornaram-se obras imortais.

Por isso, os livros com textos escritos para as crianças, remetem à construção da sua própria aprendizagem, um bom texto possa fascinar seu leitor independentemente da idade.

De acordo com Villardi (1998) os textos dirigidos para as crianças, não podem ser de conteúdo menor, tanto em imagens ou uma linguagem pobre sem valor literário, ao contrário, essa literatura infanto-juvenil deve ser inteira, com atributos maiores, considerando altamente produtivo aquilo que dará sustentação ao cognitivo infantil, para considerar, assim, de fato literatura em seu sentido pleno.

De acordo com Zilbermann (1997) é reforçado ainda que o fato do receptor ser criança, a literatura não pode ser transformada em algo menor, assim foi vista essa produção para a infância por muito tempo. A partir do momento em que o adulto passa a entender que existe na criança a capacidade de crescer com a leitura, foi exigido, então, da sociedade uma nova postura frente a ela.

O poder transformador da literatura para as crianças a capacita e faz com que a sociedade a reverencie, deixando de lado o status de que ela é um ser despreparado e fraco, passando a qualificá-la positivamente, pois essa literatura especificamente dirigida a esse público a torna presente na atual sociedade que vai incumbir de transformar a criança em um adulto virtuoso e com capacidade de enfrentar desafios, assim, a literatura surge como um valiosíssimo aliado em seu processo de educação e formação.

Dentro do desenvolvimento da criança, é de fundamental importância ressaltar os processos que compõem a formação de um ser "eminentemente" ativo e que só pode desenvolver-se em atividade. Wechsler (1999) revela que toda criança tem a necessidade

de ser ativa, como o pássaro tem a necessidade de voar, sendo que dizer para a criança não ser dinâmica é o mesmo que dizer para o pássaro não voar, assim sendo, o papel da leitura e dos contos na escola é propiciar ao máximo o desenvolvimento da personalidade, da criatividade, da imaginação e da percepção da criança, em um ambiente capaz de despertar todos estes fatores.

A sociologia da educação, bem como a sociologia do desenvolvimento são elos indispensáveis para a compreensão do ensino aprendizagem, Sandstrom (1978) revela que o desenvolvimento físico e mental infantil está sujeito a sequências definidas, cada fase do desenvolvimento depende da fase anterior: um exemplo é que uma criança engatinha antes de caminhar e balbucia antes de falar.

Afirma-se também que é possível distinguir períodos rítmicos separados, caracterizando-se pelo equilíbrio mental ou sua ausência. Desta forma, numa fase do desenvolvimento, a criança é comparativamente difícil de ser controlada, em outra é mais acessível (Sandstrom, 1978).

No momento em que as capacidades cognitivas de uma espécie se desenvolvem de maneira a garantir a sobrevivência e as trocas eficazes com o meio ambiente, pode-se supor que elas mantêm relações estruturais entre si. Assim, a capacidade de leitura é justamente uma das capacidades cognitivas que foram objeto de grande número de estudos há um século, ressaltando que a chave da linguagem escrita se encontra na relação desta com a linguagem falada (Sandstrom, 1978).

Já há algum tempo que a palavra leitura vem sendo constantemente usada em diferentes contextos: leitura de imagens, símbolos, novas linguagens, gestos, intenções, uma situação, sonhos, mundo e vida. Conforme Stefani (1997), a aplicação constante do termo leitura e literatura extrapolou completamente o significado do dicionário, invadindo várias áreas do conhecimento humano, o que ampliou o próprio significado do ato de ler.

Atualmente fala-se das inteligências múltiplas e da inteligência emocional, que reforçam a necessidade das leituras das diferentes linguagens, ou seja, como se percebe o mundo. E nisso a pedagogia da leitura vem atualizando-se rapidamente: ora revê conceitos, ora transforma práticas didáticas.

Sendo assim verifica-se que quando uma criança atinge a idade escolar, percebe-se claramente que sua bagagem de conhecimento é bem maior, aprendendo em quatro ou cinco anos coisas que a humanidade levou milênios para conquistar. Diversos traços, desenhos, sinais de todo jeito, gestos e expressões, ouvem sons, vozes, músicas: seu

ouvido reconhece, sente calor, frio, sensações táteis de dor e prazer, tocam diferentes texturas, impressões foram sendo arquivadas em seu corpo, catalogadas, classificadas de acordo com regras interiores de conhecimento.

E, através de uma paixão de conhecer-se e descobrir o mundo, a criança adentra na leitura dos símbolos humanos, símbolos criados pela cultura de seus semelhantes durante séculos e séculos, onde entre eles, o de maior prestígio social: a escrita e sua respectiva leitura.

A escola atual, em sua grande maioria, está muito preocupada com o currículo, com o conteúdo que deverá ser assimilado no prazo de "x" ou "y" anos, sendo quase uma equação matemática, onde os conhecimentos adquiridos por essa criança em cinco anos agora pouco interessam ao currículo estabelecido. Questões como essa fazem parte do dia a dia dos educadores do país, onde se torna difícil promover um amplo trabalho. Pode-se afirmar que os educadores podem encontrar outras maneiras para administrar as possibilidades de incentivar a leitura e criar um espaço alternativo de criatividade nas escolas. Neste ponto, a inclusão de textos literários dos mais diversos tipos no contexto escolar é de fundamental importância para o despertar da leitura.

A maioria dos textos escritos, exclusivamente para as crianças, traz um mundo de fantasia, onde através de sua leitura os pequenos se afirmam, superam suas fraquezas ou incapacidade, tornando seus desejos reais. Esse tipo de literatura aproxima seus leitores de uma série de fantasias, onde animais falam, as fadas encantam, seres enormes amedrontam e outros personagens que se identificam, de certa forma, com esses pequenos leitores.

Não importa qual seja o tipo de texto literário, pois é através deles que a criança penetra num mundo mágico da leitura e da fantasia e se confrontam com situações presentes do seu dia a dia.

Como não existem fronteiras entre o mundo objetivo e o mundo subjetivo da criança, ela não possuindo experiência da vida e sendo pequena sua capacidade de raciocínio, preenche essas lacunas com a imaginação fornecida pela leitura. Como ela não sabe como as coisas são, então, as imagina e essa, com certeza, é a causa do enorme desenvolvimento da imaginação infantil: a literatura agindo como forma de concretizar aquilo que a criança não vê, mas sente.

A partir da literatura a criança começa a despertar o interesse pela educação e conhecimento, mostrando-se mais criativo, sensível e social, apurando o senso crítico e facilitando o aprendizado. Dinorah (1995) revela que à medida que a criança começa a

entender a leitura, ela começa a ler e entender a vida, porém jamais deixando de imaginar e adivinhar. Atualmente encontram-se textos infantis sendo trabalhados em salas de aulas, onde se percebe a importância deles na aprendizagem da criança.

Pode-se então concluir que literatura para criança é aquela que ela gosta de ler, devendo dar a liberdade para a criança escolher aquilo que quer ler, jamais ser imposto.

Os avanços psicológicos do desenvolvimento infantil permitem compreender que na criança existem contradições, conflitos, medo e dúvidas, não por talvez desconhecer a realidade, mas as formas como os adultos lhe projetam sua imagem e, portanto, quanto ao desenvolvimento cognitivo, a ênfase não pode ser naquilo que a criança ainda não dá conta, mas sim, naquilo que só ela é capaz de fazer.

[...] por meio da história, a criança observa diferentes pontos de vista, vários discursos e registros da língua. Amplia sua percepção de tempo e espaço e o seu vocabulário. Ela desenvolve a reflexão e o espírito crítico, pois a partir da leitura, [...] ela pode pensar, duvidar, se perguntar, questionar (Abramovich, 1997, p. 143).

Assim, observando as habilidades cognitivas da criança para a qual são escritas ou contadas as histórias, esse produto tem que oferecer qualidade para desenvolvimento desses leitores e ouvintes, pois eles vivem intensamente esse processo de identificação na pele das personagens, com a capacidade de sofrer com elas, se alegrar, lutar com um final feliz e vitorioso, reconhecendo suas próprias dificuldades e sabendo lidar com elas, também, e aprende a reconhecer melhor o mundo em que vive, assim como, a si mesma. Os textos literários infantis têm um grande significado no desenvolvimento de crianças de diversas idades, onde se refletem situações emocionais, fantasias, curiosidades e enriquecimento do desenvolvimento perceptivo.

Essas leituras e histórias têm influência, também, na educação da criança. A leitura vai despertar sua sensibilidade e afetividade; desenvolverá uma leitura mais fluente e uma melhor compreensão do texto, bem como a aprendizagem de conceitos e termos e a aprendizagem intelectual.

Abramovich (1997, p. 16) ressalta “[...] ah, como é importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas, muitas histórias... escutá-las é o início da aprendizagem para ser leitor, e ser leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descoberta e de compreensão do mundo...”.

Assim, se verifica que os textos literários infantis são importantes sob vários aspectos biopsicossociais ao desenvolver suas habilidades, facilitando os processos de aprendizagem, aumentando o vocabulário, estruturação e interpretação de textos, na

reflexão, na criatividade e estas habilidades propiciaram no momento de novas leituras a possibilidade do leitor fazer inferências e novas releituras, agindo, assim, como facilitadores do processo de ensino-aprendizagem não só da língua, mas também das outras disciplinas e em todo o desenvolvimento infantil.

## **2 A alfabetização e a literatura infantil**

Uma das áreas de debate deste início de século XXI gira em torno do conceito de alfabetização. Tradicionalmente este termo foi empregado para dar conta da capacidade dos indivíduos para codificar e decodificar textos escritos. Entretanto, atualmente se fala de alfabetização científica, alfabetização informática, alfabetização tecnológica, inclusive de alfabetização emocional; notável ampliação semântica do termo que indubitavelmente coloca a educação frente a novos desafios.

Foi extenso e frutífero o caminho percorrido no século passado, provocando avanços importantes nos estudos a respeito da inteligência e dos desenvolvimentos tecnológicos que modificaram as formas de pensar, atuar, produzir e criar. Igualmente, relevantes são as reflexões que dão conta das questões pendentes que teremos que continuar analisando, atendendo a uma necessidade inadiável de conectar a tarefa nas escolas a este movimento de ideias, tentando resgatar seu potencial para a inovação pedagógica.

Sempre preocupada com o problema do analfabetismo, firma que:

[...] com a aparição dos computadores o abismo que já separava aos alfabetizados dos não alfabetizados se alargou ainda mais: alguns nem sequer chegaram aos periódicos, os livros e as bibliotecas, enquanto outros correm detrás de hipertextos, correio eletrônico e páginas virtuais de livros inexistentes (Ferreiro, 2006 p. 59).

É importante discutir a alfabetização nas séries iniciais considerando tanto as realidades mutantes do conceito de alfabetização, quanto sua importância social. Se a distribuição de recursos e bens educativos não resulta equitativa, não estamos aprofundando essa brecha promovendo novas formas de discriminação? Nos novos sentidos do conceito de alfabetização se entrelaçam questões não só educativas, mas também culturais, sociais e políticas.

Todas elas geram os dilemas que emergem da pergunta a respeito da responsabilidade que cabe à escola – e particularmente a pública – em relação à formação

dos alunos que agora transitam no sistema educativo como cidadãos ativos e plenos, conscientes de seus direitos e obrigações, comprometidos na construção de uma sociedade mais justa e autenticamente democrática. Isto significa também alfabetizar para o século XXI.

## **2.1 Os novos rumos da alfabetização**

A escrita sempre foi vista como a ferramenta social básica da sociedade moderna, motivo que a levou a tornar-se símbolo de cidadania e integração social. Práticas de alfabetização – historicamente divididas com as famílias e só no Século XX delegadas à Escola – se perpetuaram sob a convicção de que se pudesse tomá-la como mero processo mecânico de adestramento, uma técnica de codificar e decodificar textos escritos.

A primeira grande revolução ocorrida na história humana de alfabetização ocorreu quando da oferta de oportunidade para todas as coletividades sociais irem à escola, visando alcançar um trabalho urbano, e que a oferta de alfabetização sempre estivesse condicionada à constatação de que o sujeito estivesse cientificamente modelado – do ponto de vista antropológico.

Tal revolução ocorrida em fins do Século XIX incidiu basicamente sobre a figura do alfabetizador, que é formalmente reconhecido como um professor de escola, bem como sobre a concepção técnico-pedagógica de todo processo de alfabetização, agora visto como um componente escolar com poder de definir a continuidade dos estudos (somente os que obtivessem êxito na alfabetização seguiram os estudos) e, também, a possibilidade ou não, de integração social (Magalhães, 2001).

A alfabetização passa igualmente a ser uma preocupação nas ciências de ensino aprendizagem, as que se propõem a explicar os processos mentais e os métodos aplicados no ensino da leitura-escrita. Vindos, sobretudo da psicologia e da linguística, surgem os métodos de alfabetização, destinados a garantir maior sucesso nas práticas de alfabetização.

À medida que avançavam os movimentos sociais e as medidas de governo visando a tirar da segregação as comunidades marginalizadas, provocando sua chegada na escola, cada vez mais aumentavam os casos de fracasso na alfabetização. Iniciava-se, assim, a segunda revolução nas práticas de alfabetização. Dentre as inúmeras atitudes procedentes da instituição escolar, uma das tais, além da valorização e respeito do saber que o educando possui, é utilizá-lo como instrumento pedagógico, eficiente para o avanço das habilidades da leitura (Ferreiro, 1993, p. 51).

Das primeiras contribuições de Ferreiro (1993) ao estudo da alfabetização como processo construtivo interno ao sujeito, até os dias de hoje, observou-se um numeroso conjunto de sujeitos que não aprendem a escrita a partir de processos escolares, ainda que bem mediados por um alfabetizador adequadamente formado.

A natureza biológico-cognitiva prevista na Teoria da Psicogênese da Língua Escrita a partir de sua heurística apoiada nas práticas piagetianas e nos universos linguísticos, não obteve êxito em sujeitos marcadamente não modelados às práticas sociais científicas. Quanto mais orais os sujeitos, menor sua predisposição à escrita.

O atraso na alfabetização entre alunos oriundos de comunidades orais demonstrou que a intervenção escolar não lhes oferecia plenas condições para desenvolver estados necessários à alfabetização, uma vez que todo o processo de intervenção se centralizava nas práticas científicas de aproximação ao texto (Ferreiro, 2004).

O conceito de letramento foi concebido visando a reforçar a necessidade de que o trabalho de alfabetização seja não mais que uma parte e consequência de todo um processo de desenvolvimento cognitivo, que vise a garantir ao sujeito condições de transitar como cidadão em um mundo cartesiano, de ter voz pública e de planejar sua vida com autonomia.

A perspectiva social ao redor das práticas de letramento sublinha a necessidade de que, em paralelo aos procedimentos para promover o desenvolvimento das condições cognitivas para o letramento, seja considerado seu impacto em nível sócio-afetivo sobre o sujeito, particularmente no âmbito de suas prospecções imediatas e futuras.

Para muitos dos cidadãos orais, o letramento consiste em perda de vínculos sociais, perda de crença em valores primários, perda de vínculo de inclusão junto a sua comunidade e tantas outras perdas. Por outro lado, consiste, também, em aceitar uns aos outros.

A contribuição do letramento na escola não se pode resumir ao desenvolvimento do indivíduo tomado desde si mesmo, como um organismo desvinculado do caráter histórico-social.

Ao contrário, o ponto de partida para o desenvolvimento do letramento, consiste na tomada de consciência sobre a natureza social do sujeito e de construir uma identidade que mescle – sem perdas – duas perspectivas de operar o pensamento: a sua própria, oral e legitimamente reconhecida como capaz de produzir conhecimentos, e a do outro, científica, capaz de lhe permitir compreender o mundo de forma mais organizado e atuar de forma mais planejada.

As práticas de observação e escuta, de postura contemplativa e tudo mais que é próprio da cultura científica, se compreenderão como não mais que um modo de estar no mundo, capaz de ir até a oralidade sem exigir nenhuma perda de identidade (Magalhães, 2008, p. 55).

O reforço da identidade oral dos sujeitos lhes permite acessar o letramento como algo não invasivo, mas construtivo. As práticas de leitura escrita derivaram, assim, como uma forma de auto expressão, não imposta, bem como a capacidade de compreensão do texto e a produção textual.

Atualmente, o incentivo à escrita é bastante conhecido em seus aspectos teóricos.

O importante, portanto, é a tentativa de que se operacionalizam as posições teóricas dos documentos estudados, e a vivência da escrita propicie o desenvolvimento do pensamento organizado, capaz de levar o jovem a uma postura consciente, reflexiva e crítica frente à realidade social em que vive e atua (Zilberman, 1998, p. 97).

Desta forma, as novas propostas pedagógicas devem dar verdadeiro valor à escrita: porém, é preciso, ainda, fazer com que ela seja incorporada a todos os trabalhos pedagógicos, para que não se torne uma atividade restrita e que se estenda fora da sala de aula.

### **3 Compreender o mundo através das histórias infantis**

O indivíduo tem sua oportunidade de enriquecer, ampliar e transformar sua vida através da literatura. Esta experiência o levará a construir e renovar sua cultura e abrir novas etapas para realização ideológicas.

A Literatura Infantil, por iniciar o homem no mundo literário, deve ser utilizada como instrumento para a sensibilização da consciência, para a expansão da capacidade e interesse de analisar o mundo. Sendo fundamental mostrar que a literatura deve ser encarada, sempre, de modo global e complexo em sua pluralidade.

Pensar que as crianças recorrem às leituras com conteúdo simples, por não compreender as ideias dos textos da sua própria faixa etária, é acreditar na não criação de cidadãos capazes de interferir na organização de uma sociedade mais consciente e democrática.

A Psicologia experimental redescobriu a literatura infantil ao revelar a inteligência como um elemento que vai estruturar o universo de cada indivíduo dentro de si ou daquilo que pode construir, chamando a atenção para os diferentes estágios de seu desenvolvimento (da infância à adolescência) e sua importância fundamental para a

evolução e formação da personalidade do futuro adulto. Segundo Palo e Oliveira (1986, p. 124), “a sucessão das fases evolutivas da inteligência (ou estruturas mentais) é constante e igual para todos. As idades correspondentes a cada uma delas podem mudar, dependendo da criança, ou do meio em que ela vive”.

O trabalho do professor na sala de aula, com os contos de fadas e outras histórias infantis, é fazer com que as crianças se apaixonem pela literatura, transformando-se em leitores frequentes dessas obras e, através dessas novas descobertas, o aluno será levado a uma reflexão e, também, a construir sua aprendizagem.

Quando a criança sente o prazer da leitura, ela deixa de ser apenas criança e passa a ter autonomia, escapando-se, assim, da ideia antiga de que era um indivíduo em miniatura.

Até o século XVII as crianças conviviam igualmente com os adultos, não havia um mundo infantil, diferente e separado, ou uma visão especial da infância. Pouco se escrevia para as crianças, ou quase nada.

[...] a concepção de uma faixa etária diferenciada, com interesses próprios e necessitando de uma formação específica, só acontece em meio à Idade Moderna. Esta mudança se deveu a outro acontecimento da época: a emergência de uma nova noção de família, centrada não mais em amplas relações de parentesco, mas num núcleo unicelular, preocupado em manter sua privacidade (impedindo a intervenção dos parentes em seus negócios internos) e estimular o afeto entre seus membros (Zilberman, 1985, p. 13).

A partir dessa relevância, a criança tem para si os valores sociais, passando a ser vista como um indivíduo que necessita de uma atenção especial. E a mesma literatura que antes não tinha tamanho valor, passa a ter o objetivo de educar e de ajudar as crianças a enfrentar a realidade.

A criança tem que ser assistida, pois é cheia de conflitos, contradições, dúvidas e medos por não conhecer a realidade vivida por adultos, porém projetada por eles;

Se a imagem da criança é contraditória, é precisamente porque o adulto e a sociedade nela projetam, ao mesmo tempo, suas aspirações e repulsas. A imagem da criança é, assim, o reflexo do que o adulto e a sociedade pensam de si mesmos. Mas este reflexo não é ilusão; tende, ao contrário, a tornar-se realidade. Com efeito, a representação da criança assim elaborada transforma-se, pouco a pouco, em realidade da criança. Esta dirige certas exigências ao adulto e à sociedade, em função de suas necessidades essenciais (Zilberman, 1985, p. 18).

Quanto ao seu desenvolvimento cognitivo, a ênfase não pode ser naquilo que a criança ainda não dá conta, mas sim naquilo que só ela é capaz de fazer.

Se lhe falta a completa capacidade abstrativa que a capacite para as complexas redes analítico-conceituais, sobra-lhe espaço para a vasta mente instintiva, pré-lógica, inclusiva, integral e instantânea que só opera por semelhanças, correspondências entre formas, descobrindo vínculos de similitude entre elementos que a lógica racional condicionou a separar e a excluir. Correspondências, sinestésias. Todos os sentidos incluídos (Palo; Oliveira, 1986, p. 7).

Uma literatura que tenha a realidade voltada à infância vai, então, ordenar "o lado espontâneo, intuitivo, analógico e concreto da natureza humana" (Ibid., p. 8) dando ao leitor autonomia e pensamentos próprios e preencher todos os desejos existentes em cada indivíduo.

Os projetos mais arrojados de literatura infantil investem, não escamoteando o literário, nem o facilitando, mas enfrentando sua qualidade artística e oferecendo os melhores produtos possíveis ao repertório infantil, que tem a competência necessária para traduzi-lo pelo desempenho de uma leitura múltipla e diversificada (Zilberman, 1985, p. 11).

A relação entre a escola e a literatura cresce desde seu início até hoje, e a inclusão do livro na sala de aula, além de transmitir os valores da sociedade, oportuniza também, uma nova visão da realidade, sensibilização da consciência, expandir sua capacidade e interesse para uma visão crítica do mundo e, mesmo antes da criança aprender a ler é necessário incitá-la a ouvir histórias e incentivá-la a ter sempre um livro em suas mãos para que possa estar sempre manuseando. Independente da faixa etária, o objetivo dos textos é trabalhar para que possa preencher os desejos existentes nos seres humanos.

### **Considerações finais**

A partir do momento que a criança tem o contato com as histórias, ou quando se torna leitora, o seu imaginário é abstraído através da literatura infantil, formando-se um elo entre histórias e imaginação desde muito cedo.

A literatura não pode ser considerada apenas como uma questão para se aprender a ler, ela faz parte também do processo da escrita que deve ser estimulada pelas histórias infantis.

Além de usar a literatura para ler e escrever, esta faz também com que os alunos produzam textos, melhorando assim, a própria produção de histórias tornando esse processo mais lúdico e significativo.

É possível notar a proximidade da relação entre alfabetização e literatura através da sua finalidade pedagógica e didática para o incentivo da leitura, mas acima de tudo, a literatura infantil deve abrir para a imaginação e a fantasia da criança, tanto para a leitura quanto para a escrita.

A literatura infantil tem que ser vista de um modo global, proporcionando aos alunos sua formação como leitores e, por conseguinte, também escritores.

É compreensível que na verdade no cotidiano escolar é necessário tirar da varinha mágica um diploma de psicólogo, pediatra, para resolver os problemas, mas vale a pena, o olhar brilhante da criança diante de uma nova descoberta, o sorriso de vitória quando um dilema da vida é compreendido através dos contos de fada, quando recebo bilhetes carinhosos com frases de agradecimentos.

O professor deve ter em mente que para crescer profissionalmente, o educador não precisa ter a preocupação de ser lembrado pelos alunos, mas sim, que eles recordem que cursaram a escola para fazer parte de uma sociedade.

A missão deve ser torná-los conscientes, na busca de um mundo melhor.

## **Referências**

ABRAMOVICH, F. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 1997.

BENJAMIN, W. Experiência e pobreza. *In*: BENJAMIN, W. **Obras escolhidas I**. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BENJAMIN, W. **Reflexões: a criança, o brinquedo, a educação**. 3. ed. São Paulo, Summus, 1984.

DINORAH, M. **Barco de sucata**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1986.

FERREIRO, E. **A revolução informática e os processos de leitura e escrita**. Porto Alegre: Artmed, 1999. (Revista Pátio, 9).

FERREIRO, E. **Reflexões sobre alfabetização**. 25. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

MAGALHÃES, L. A. M. **O jogo Cara a Cara em crianças de 7 a 13 anos**. 1999. 96 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999.

PALO, M. J.; OLIVEIRA, M. R. D. **Literatura Infantil - Voz de Criança**. São Paulo: Ática, 1986.

STEFANI, R. **Leitura que espaço é esse? Uma conversa com educadores**. São Paulo: Paulus Editora, 1997.

VILLARDI, R. **Aprendendo a gostar de ler e formando leitores para a vida inteira.** Rio de Janeiro: Dunya, 1977.

VILLARDI, R. **Um convite a reflexão – Literatura infanto-juvenil: ser ou não ser?** Revista doce de letra. Abril, 1997.

WECHSLER, S. M. Avaliação multidimensional da criatividade. *In:* WECHSLER, S. M.; GUZZO, R. S. L. (Org). **Avaliação psicológica:** perspectiva internacional. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999.

ZILBERMAN, R.; LAJOLO, M. **Um Brasil para crianças. Para conhecer a literatura infantil brasileira:** história, autores e textos. São Paulo: Global, 1993.

ZILBERMAN, R. **O leitor e o livro.** Bragança Paulista: Horizontes, 1997.